

Índice

Prefácio: Os Amantes Exemplares	7
Adivinhas de Pedro e Inês	
I. Inês Perez	19
II. A Coroa Exterior	41
III. Ninho de Garças	61
IV. Os Diálogos Imperfeitos	83
V. Os Castros	103
VI. A Touria	123
VII. Poetas e Desalmados	143
VIII. A Beleza	161
IX. Coisas Estranhas	181
X. A Coroação	199

Adivinhas de Pedro e Inês

I

Inês Perez

Fui há muitos anos à Quinta das Lágrimas, onde se diz que Inês foi morta. Lembro-me que se transpunha o rio atravessando uma ponte de madeira cujas tábuas gemiam e baloiçavam. Parecia uma ponte militar, para assédio à cidade.

A Quinta das Lágrimas esteve para ser comprada pelo meu pai quando ele veio do Brasil e se deixava suggestionar pelas lendas históricas e coisas famigeradas da glória antiga. Havia uma enorme árvore da cânfora nos arredores da casa, que era como uma estufa, com muitos vidros e caixilhos descascados. Numa caleira de pedra corria a água sobre um líquen vermelho. Dizia-se que era «o sangue de Inês». Como disse, a moradia era decepcionante, um pouco ao estilo dos chalés de Sintra em que veraneavam os banqueiros do século XIX e os ricos-homens dos cafezais de São Tomé. Estavam na moda os jardins de inverno, e nesse tipo de casas havia pavilhões envidraçados onde se tomava chá e bebia água de sifão. Mas não posso garantir que na Quinta das Lágrimas fosse assim.

Era numa tarde muito quente, em Maio. O calor de Maio, em Coimbra, traz no coração o perfume da tília em flor; desde o alto do Jardim da Sereia ele abate-se até ao fundo da cidade como um lenço abafante e suave. É um calor e um perfume que deprimem. Acompanham os estudantes quando eles revêem a matéria, fumando com gesto irritado e deixando o olhar parar nas varandas da frente onde outros estudantes mourejam nas páginas das sebentas.

Mas, voltando à Quinta, que está num vale sem horizontes, que seriam dantes os fecundos campos de regadio, com manantes a visitar-lhe os muros para roubar capões e melancias: estranhei-a, de tão deserta. Não havia um só visitante, ou um morador; e não vi também guardião. Só um cãozito sujo, de pêlo em que a lama secara, me lançava de longe alguns ladridos curtos, sem cólera, por simples obrigação.

A casa não tinha cortinas nem vestígios de ser habitada. Havia, em volta, alguns canteiros onde crescera a beldroega e umas açucenas tão altas que podiam chamar-se o bordão de São José. Na parede, uma mancha de água que se infiltrara pelo telhado parecia a sombra de uma mulher; uma mulher alta e corpulenta, que risse, os ombros deitados para trás. Ouvi, ou pareceu-me, um arrastar de passos, mas durou pouco; tudo ficou silencioso outra vez. Porém, quando eu já me afastava vi, sentada numa velha cadeira de verga, uma senhora ainda nova, com uns óculos na mão direita e que olhava para mim com uma frieza condescendente. Se era a dona da casa era uma excêntrica, porque estava vestida com uma saia cor de ferrugem, tendo por cima um vestido verde, aberto, e um cinto dourado. Os cabelos usava-os soltos e eram de um belo loiro carregado com reflexos mais claros sobre as orelhas. O rosto era rosado, mas notava-se que usava carmim, muito fino e brilhante. Estendeu as pernas com um movimento preguiçoso; estavam nuas e eram tão brancas como o ventre das trutas. Até certo ponto parecia muito uma lavradeira abastada, dessas do Alto Minho que se descalçam ao fim das tardes de Verão para ir regar, que lavam o pescoço com aguardente e que perfumam a boca com folha de hortelã. Têm seis namorados ao mesmo tempo, cantam com voz trinada cantigas de escárnio e casam com um moço meio vadio e bonito que desgoverna a casa, que tem amigas, bastardos e nome de bom paroquiano.

— Está calor — disse eu. Ela franziu levemente as sobrancelhas, tão compridas que lhe tocavam as fontes. Tinha olhos ambarinos, extraordinários, e reparei que usava sapatos de couro vermelho, semelhantes aos que usam os corredores nos estádios.

A impressão que pode causar a beleza humana é semelhante a um choque, um desmaio dos sentidos que os santos relacionam com o

êxtase. É, portanto, uma espécie de vertigem que deixa entrever o mistério da criação em todo o seu poder. Aquela mulher, ao levantar-se da cadeira onde estava sentada, mostrou a compleição dos membros atléticos que podiam bem suportar dois ou mais pares de asas. Não sei porque me ocorreu isto. Os olhos dela eram escuros à distância; porém, vistos de mais perto, notavam-se as estrias verdes e douradas como uma pedra semipreciosa. Não era alta, mas tudo nela — traço, maneiras, ligeiro alçar do pescoço — contribuía para lhe dar certa majestade. Duas crianças de sete ou de oito anos vieram ao seu encontro; duas meninas, cujo corpo franzino se perdia dentro dos largos vestidos.

— Pára, pára... espera por mim — disse a mais desenvolvida, que era, no entanto, a mais nova. Ficou no meio do terreiro, à sombra da árvore canforeira, a gritar: — Má... má... má... — e a ver a mãe que se afastava e que, num instante, desapareceu. Aquilo aconteceu em plena luz do dia, e eu não me surpreendi. É possível que eu sofresse um breve acidente dos sentidos, frequente na gesta clínica da família e a que chamamos «o truque da vaca», pela semelhança que tem com a imobilidade súbita desse animal num campo onde pasta. Fica quieta, desmiolada, entre o selvagem e a pura beatitude. Assim acontece aos humanos colhidos no acinte da civilização; um breve regresso ao mundo pânico, literalmente em catarse, ouvindo ao longe a flauta tutelar.

Pensei em Inês, com um certo encanto que depressa se esgotou e perdeu. Muitos anos depois, repentinamente, ocorreu-me tudo aquilo, e Inês corporizou-se na desconhecida de vestido verde tão extraordinário e que só numa dançarina tinha cabimento. Talvez fosse uma amazona do circo com a sua prole contorcionista; ou uma infanta de raro porte que corresse os antigos lugares da sua história, como é comum nos campos de Inglaterra, onde a humidade materializa os espíritos, a soma das almas. Talvez a Fonte dos Amores em dois braços partida trouxesse das profundezas da terra o suspiro que convoca o corpo desaparecido, presente onde amou e morreu. Agradam-me estes pensamentos alucinados, subordinados com um humor cáldo e amante das coisas que se não sabem e nos convidam ao conhecimento.

Um dos agravos de D. Pedro e de que o seu real pai se deu por achado foi o de ele ter trazido Inês para os Paços de Santa Clara, tão perto do túmulo da Rainha Santa, cujo testamento fora bem explícito: «que ali pousassem os herdeiros com suas legítimas mulheres». Ou D. Pedro estava casado com D. Inês e desafiava assim a cólera do rei, ou o seu feitio era desapegado de compromissos morais e muito ligeiro com o que se chama «as coisas sérias». O povo amava-o talvez por isso mesmo. O que se atreve, honra o homem na sua mesquinha proporção. Não se sabe, no entanto, se Inês vivia contígua aos Paços de Santa Clara, na «quinta» rente ao rio que, nesse tempo, teria um caudal mais amplo, correndo ao fundo de um vale, tendo a cidade-fortaleza sido erguida na colina. Os vestígios que restam de *Quebra-Costas* e *Estrada da Beira* (ou *berma*, que quer dizer o espaço fortificado ao pé da muralha, ou coisa assim) indicam a natureza castrense do lugar, defendido a sul pelo fosso natural do rio. Fora ficavam as terras sob o poder senhorial dos mosteiros, de Santa Cruz mais propriamente, e sujeitos à sua jurisdição e fora da intervenção dos magnates. Aí, gradualmente se edificaram mosteiros sob o patrocínio real, mediante contratos com os seus proprietários, os frades de Santa Cruz, tão poderosos quanto meticulosos nos negócios, como se vê pelos documentos firmados entre eles e a Santa Isabel.

A Rainha Santa mandou vir de Salamanca algumas clarissas que instalou à beira-rio, no seu pequeno convento tão mal servido de comodidades que era preciso ir buscar água à corrente do Mondego, como nos tempos bíblicos. Depois edificou os paços murados de pedra seca e onde viveu em oração e boa paz, aliviada do seu real marido, cujas barregãs ela protegia com dissimulação das injúrias ou prazer delas. Porque isto de ser virtuosa tem tantas rosas como espinhos, e o diabo colhe umas e deixa os outros aos passivos.

Depois da morte de Inês, acontecida nesses famosos lugares, andou sete meses dementado o infante, queimando e destroçando aldeias e sementeiras; tais flagelos sangravam do seu coração, e o pai lhe correspondia com iguais desacatos de que o povo pediu contas, pois era ele o mais lesado, sem ter na história parte nem sentimento. Fizeram-se as pazes no Moledo, com grandes promessas e desenfa-

damento, e lágrimas de perdão. Mas o que a alma guardou só o tempo o bolsou. O infante não era homem para estorvar a vingança com lealdades fagueiras. *Viandeiro* era ele — que comia carne e, como tal, era, de índole e prazer, carniceiro.

A partir desse acordo, consentido mas não sentido, D. Afonso IV atribuiu ao infante parte do poder, que é tática de pouca experiência. Porque quem recebe alguns direitos não tarda que os queira todos, pois é natural dos homens tomar a graça pelo merecido.

O Beneplácito Régio tem já o seu selo e define a intenção do soberano de chamar a si toda a autoridade. O Beneplácito comprova perante os cidadãos e forças da nação que certa decisão emanada do foro eclesiástico está conforme às leis civis e não ofende as tradições e costumes. Isto, que evidentemente incomoda a soberania da Igreja como uma interpolação nos seus direitos, não causa menos incomodidade na área da nobreza. O Beneplácito impede que todos os contratos com Roma referentes a matrimónios, por exemplo, sejam incontestáveis. Nas *Ordenações Afonsinas* a letra do Beneplácito aparece de maneira preferente e sem o carácter de extraordinário. Está divulgada como um uso, e por isso goza de melhor imunidade.

O Beneplácito, se foi assinado por Pedro I, não seria obra e maquinação do seu espírito. Ele é o que se chamaria nos nossos dias o rapaz mimado, um estoura-vergas, um mandão destinado a servir quem o soubesse treinar. Gosta de comer e de dançar, passa o tempo em caçadas entre os seus solares de Canaveses e de Coimbra, e as boas condições do seu reinado parecem ter sido fruto mais de ministros hábeis que lhe conheciam a fraqueza para o despedirem do trono. A fraqueza do infante era a justiça, como de outros é coleccionar ou fazer viagens. De resto, ele congregava tudo isso nos itinerários dos seus tribunais, e em dez anos de reinado mal parou em Estremoz para morrer, e depressa. Não é tão enigmático como Pedro, *o Cruel*, de Castela. A sua vida deve ter decorrido entre a sua mesnada e os seus jograis, e uma ou outra abordagem política da parte dos Laras e dos Castros, velhas e ambiciosas famílias do país vizinho. A consumação da Reconquista, que teve na Batalha do Salado o seu último arrebatamento, deixou a nobreza num desemprego de energias que se exibiu num movimento migratório para as regiões de poder-

so interesse económico. Os fidalgos de Álava e de Navarra, e também portugueses, lançaram-se em busca de terras produtivas próprias ao gado lanígero que o desenvolvimento da navegação tornava um factor de matéria-prima. O vale do Douro, os campos da Estremadura espanhola, as vastas defesas de Salamanca e Zamora, conheceram esse insólito surto de imigração dourada que multiplicou por toda a província o solar campesino, que sucedia ao castelo guerreiro. É sabido que quando os privilegiados se fazem camponeses é para reunirem forças e retomarem os privilégios. Termina a era rolandina, do herói medieval, para começar a prosaica dimensão da oligarquia nobiliárquica, disposta a fazer fortuna com as jazidas de ferro biscoiño, mais do que com o fio da espada. E, sobretudo, disposta a tomar o poder por meio das gratificações do destino. Rainhas viúvas e concubinas são sempre uma chamada para projectos audaciosos; ou porque a vingança sempre acompanha os grandes lutos, ou porque a liberdade aconselha as ambições, a verdade é que na Castela de 1350, quando morre Afonso XI, as linhagens de Laras, Manuéis e Guzmáns se agitam abertamente. A rainha, Maria de Portugal, mostra-se empenhada no poder, tanto mais que é aconselhada pelo seu valido de grande mérito político, João Afonso de Albuquerque, um português. Há quem atribua a Albuquerque a paternidade de Pedro I de Castela; outros dizem que seria filho de um médico da corte e de sua mulher, trocado no momento do parto por uma infanta que nasceria à rainha. De qualquer modo, este Pedro, *o Cruel*, a quem Filipe II mudou o nome para Justiceiro, redimindo-o de famas indignas, é a personalidade controversa e sem dúvida sangrenta que vai dominar a imaginação popular. Os seus crimes, os seus amores, as suas aventuras verdadeiramente capazes de consolidar a memória do povo, entraram no romance e assim floresceram numa espécie de flutuação da imagem real — solitário poder que a constelação colectiva toma como modelo dinâmico, registo de uma tensão entre laços positivos e negativos.

A figura de Pedro I de Portugal parece ser decalcada do vulto de seu sobrinho e contemporâneo Pedro I de Castela. A mesma terribilidade, em contraste com a simpatia popular; o mesmo culto pela vingança e desarticulação objectiva. Mas enquanto Pedro de Castela